



PLURALISMO NA PSICANÁLISE

ORGANIZADORES

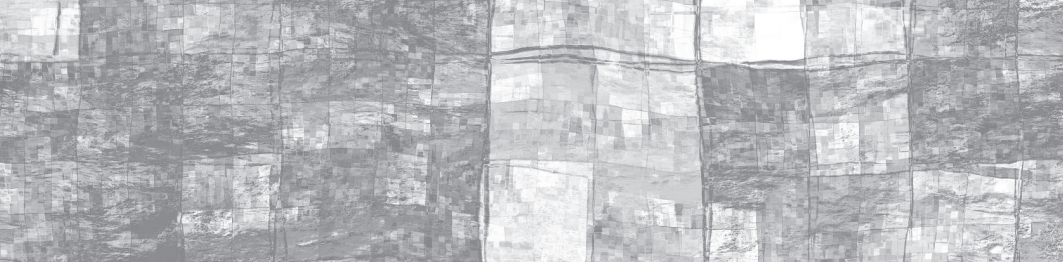
Eduardo Ribeiro da Fonseca

Francisco Verardi Bocca

Rogério Miranda de Almeida

Zeljko Loparic


PUCPRESS



ORGANIZADORES

Eduardo Ribeiro da Fonseca

Francisco Verardi Bocca

Rogério Miranda de Almeida

Zeljko Loparic

PLURALISMO NA PSICANÁLISE


PUCPRESS

Curitiba
2016

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
HAGIOGRAFIA E DIFAMAÇÃO NA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE: AS DUAS FACES DO EXCEPCIONALISMO	11
<i>Richard Theisen Simanke e Fátima Caropreso</i>	
COMTE COM FREUD – POSSIBILIDADES DE PENSAR A HISTÓRIA	29
<i>Francisco Verardi Bocca</i>	
MÉTAPSYCHOLOGIE. PARCOURS INAUGURAL D'UN CONCEPT	57
<i>Luiz Eduardo Prado de Oliveira</i>	
ESSE INÚTIL DEVANEIO. A METAPSIKOLOGIA COMO UMA RESPOSTA DE SIGMUND FREUD À METAFÍSICA	85
<i>Eduardo Ribeiro da Fonseca</i>	
GEORGES POLITZER E A <i>INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS</i>	121
<i>André Carone</i>	
ACHIEVEMENTS OF WINNICOTT'S REVOLUTION	131
<i>Zeljko Loparic</i>	
APONTAMENTOS SOBRE O PARADIGMA DA PSICANÁLISE DE WINNICOTT	157
<i>Eder Soares Santos</i>	
DA DIMENSÃO ONTOLÓGICA DA PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES À LUZ DE KUHN E HEIDEGGER	181
<i>Caroline Vasconcelos Ribeiro</i>	

CONTRA HONNETH E SUA INTERPRETAÇÃO DE D. W. WINNICOTT OU O PAPEL DO MODELO ONTOLÓGICO NA CONSTITUIÇÃO DE UMA MATRIZ DISCIPLINAR PSICANALÍTICA.....	233
<i>Suze Piza</i>	
AGOSTINHO, LACAN E A QUESTÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO	261
<i>Rogério Miranda de Almeida</i>	
QUANDO O VERBO NÃO SE FAZ CARNE: O <i>PATHOS</i> DA PALAVRA	297
<i>Sidney Nilton de Oliveira e Desirée Varella Bianeck</i>	
O <i>ENACTMENTE</i> SUAS ARTICULAÇÕES COM A CONTRATRANSFERÊNCIA.....	311
<i>Valmir Uhren</i>	
DU CERCLE AU NOEUD : SUR LA TOPOLOGIE DU MOUVEMENT OBSCUR DE L'EXISTENCE	337
<i>Guy-Félix Duportail</i>	
CHARCOT (1893).....	361
<i>Sigmund Freud</i>	

APRESENTAÇÃO

Este livro-coletânea cumpre a iniciativa de dar visibilidade aos resultados das atividades da linha de pesquisa intitulada *Filosofia da Psicanálise* do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), que contempla disciplinas, seminários, orientações, congressos, editorações, traduções, projetos em parcerias nacionais e internacionais, entre outros. Longe de exaurir seu passado, traz uma amostragem do ocorrido.

Seus capítulos, organizados por aproximação temática, têm início com Richard Theisen Simanke e Fátima Caropreso apresentando uma contribuição intitulada *Hagiografia e difamação na história da psicanálise: as duas faces do excepcionalismo*, que se aproxima de uma chave de leitura – se o leitor assim o quiser – para os demais capítulos, na medida em que trata da psicanálise como objeto da historiografia, a partir do que chamaram de reivindicação de excepcionalidade. Excepcionalidade que a trata, de um lado com difamação e, de outro, com idealização. O casal propõe, indicando os prejuízos de ambas, uma renúncia ao embate, a dissolução das mitologias sobre Freud e sua obra, sugerindo a retomada dos textos psicanalíticos a partir de um trabalho de contextualização histórica, visando um tipo de historiografia que revele adequadamente a especificidade da psicanálise, possível em vista da verificação do tipo de desenvolvimento histórico que a possibilitou. Assim advertido, o leitor poderá seguir a leitura desta coletânea ponderando sobre a perspectiva que subjaz em cada um dos autores.

Na sequência, em *Comte com Freud – possibilidades de pensar a história*, Francisco Verardi Bocca reflete sobre a recepção (não confessada) de alguns aspectos do pensamento de Auguste Comte por Freud, especialmente quanto às suas concepções acerca do progresso civilizatório

da humanidade, da marcha progressiva do espírito humano, de sua filosofia da história. Tarefa realizada apontando aproximações, bem como divergências relativas ao pensamento de ambos. Tudo no interesse de colocar em seus devidos lugares, vale dizer, desmitificar a simplificação de considerações otimistas ou pessimistas, respectivamente, sobre a humanidade atribuídas a Comte e Freud.

Privilegiando a correspondência de Freud, Luiz Eduardo Prado de Oliveira, em *Métapsychologie. Parcours inaugural d'un concept*, mostra o processo inconcluso do empreendimento metapsicológico de Freud, considerando o velho adágio de que Freud pretendeu substituir a metafísica pela metapsicologia, na verdade criando uma nova metafísica pretensamente apresentada como ciência. Especialmente considerando que em dado momento, por acasão da publicação de *Além do princípio do prazer*, a metafísica reaparece como tentativa de reunificação de sua teoria. O autor investiga este percurso levando em conta aspectos teóricos, assim como os pessoais de Freud, o que lhe permitiu indicar a lógica nem sempre clara que resultou numa teoria que não apresenta o mesmo sentido em cada etapa.

Situando Freud nos quadros da história da filosofia moderna Eduardo Ribeiro da Fonseca, em *Esse inútil devaneio. A metapsicologia como uma resposta de Sigmund Freud à metafísica*, adensa o tema da metapsicologia freudiana confrontado com a metafísica, sobretudo com o recurso à *metafísica imante de Schopenhauer*, esta às voltas com o Inconsciente freudiano. Visando esclarecer ainda mais o entrelaçamento entre filosofia e ciência, na perspectiva dos desafios clínicos da psicanálise, Eduardo retoma o estatuto heurístico de seus conceitos, considerando que toda explicação física requer uma metafísica, o que lhe permitiu indagar se a metapsicologia seria de fato uma metafísica ou uma ciência kantiana. Cabe ao leitor decidir.

André Carone, em *Georges Politzer e A interpretação dos sonhos*, também tematizando a metapsicologia, apresenta a já clássica crítica de Politzer ao método empregado por Freud na *Interpretação dos sonhos*, subsidiando, como sabemos, a elaboração de sua psicologia concreta.

Com o intuito de recolocar a psicanálise no bom rumo, denunciou a duplicidade postulada por Freud entre processos psíquicos e fenômenos, recusando a hipótese de entidades e processos interiores explicativos dos relatos exteriores. Correndo todos os riscos, Carone apresenta uma crítica da *Crítica* dando a Politzer o mesmo tratamento que este deu a Freud, sustentando que a psicanálise, pelos motivos alegados, não pode ser assimilada à psicologia concreta, a não ser por uma má leitura de Politzer, denuncia.

O capítulo de Zeljko Loparic apresenta uma perspectiva sobre aspectos que considera revolucionários da teoria psicanalítica de Winnicott e da sua prática clínica, resultado de mais de vinte anos de pesquisa. Loparic informa que este material constitui a base do Curso de Formação em Psicanálise winnicottiana, ministrado em sete Centros Winnicott da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW), que são, em sua maioria, membros da *International Winnicott Association* (IWA). É também a espinha dorsal do Curso de Treinamento em Psicanálise Winnicottiana.

Na sequência, em *Apontamentos sobre o paradigma da psicanálise de Winnicott*, recorrendo à epistemologia de T. Khun, Eder Soares Santos indica o caráter paradigmático da obra de Winnicott, vale dizer, sua descontinuidade em relação a Freud. Tudo isto opondo, entre outras coisas, teoria do amadurecimento à teoria da sexualidade que pressupõe um componente ontológico na natureza humana, mudança radical que possibilitou sua ruptura com Freud e a emergência de seu paradigma.

Na mesma direção, em *Da dimensão ontológica da psicanálise: considerações à luz de Kuhn e Heidegger*, Caroline Vasconcelos Ribeiro explicita as diferenças relativamente aos elementos metodológicos que compõem a matriz disciplinar da psicanálise de Winnicott e Freud ecoando Heidegger. Este último, incluído para refletir sobre a maneira como modelos ontológicos se fazem presentes na psicanálise freudiana. Assim, mostra como Freud utilizou explicações objetificantes a propósito de seu compromisso com as ciências naturais. Recurso pelo qual teria expulsado o homem concreto de sua investigação.

Por outros caminhos, Suze Piza, em *Contra Honneth e sua interpretação de D. W. Winnicott ou o papel do modelo ontológico na constituição de uma matriz disciplinar psicanalítica*, critica Honneth por sua interpretação de Winnicott nos quadros da filosofia de Hegel, o que teria motivado seus equívocos acerca da própria teoria do amadurecimento, além de outros conceitos fundamentais. Suze acusa-o de, entre outras coisas, ter hegelianizado a relação mãe-bebê, considerando-a em termos de *luta dialética* e não de *dependência*, de fato intersubjetivando a relação. Justifica o erro de Honneth pelo fato de operar inapropriadamente o encontro de duas matrizes disciplinares distintas, vale dizer, não considerar a psicanálise de Winnicott como paradigma.

Numa guinada temática e cronológica, Rogério Miranda de Almeida, em *Agostinho, Lacan e a questão do signo linguístico*, lança luz sobre os antecedentes do signo linguístico, lembrando que o questionamento sobre a linguagem é tão antigo quanto a própria filosofia, tendo seu início com o estoicismo primitivo em seguida apropriado por Agostinho, numa versão enriquecida, e inserido na doutrina cristã. Já em outra perspectiva, deixando sua univocidade e naturalidade no passado, por ocasião da linguística moderna, o signo emergiu como arbitrário, como reenvio a outro signo, expondo o que está em jogo em sua significação infinita, como expressão do Inconsciente, da tensão do desejo do falante, o que teria seduzido Lacan, que, por seu meio, incensou a questão da verdade e de sua busca.

Já em *Quando o verbo não se faz carne: o pathos da palavra*, Sidney Nilton de Oliveira e Desirée Varella Bianeck retomam a reflexão sobre a linguagem e a palavra na psicanálise, cuja interdição decorre, como afirmam, de desejos complexos e distintos. Analisam sua ocorrência no contexto familiar tomando como balisa teórica Françoise Dolto. Mais uma vez, a questão da verdade no uso dos signos aparece destacando a importância do uso da palavra entre crianças e adultos no âmbito familiar.

Por sua vez, Valmir Uhren, em *O enactment e suas articulações com a contratransferência*, destaca o recurso ao mito na produção teórica

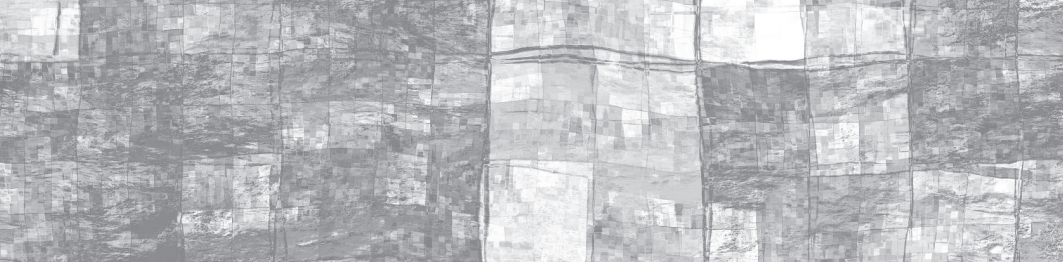
de Freud. Ilustra com recurso ao mito romano de Janus que considera como metáfora da contratransferência e do *enactment*. O autor recupera a história da contratransferência, para em seguida se perguntar por sua relação com o *enactment*, que em suas conclusões tem a função de articular e englobar tanto a transferência quanto a contratransferência. Tudo pretendendo oferecer uma caracterização da psicanálise contemporânea como operando uma passagem do modelo intrapsíquico para um relacional. O que faz do *enactment*, em suas palavras, um novo paradigma em psicanálise.

Finalizando os capítulos autorais, Guy-Félix Duportail, em *Du cercle au noeud : sur la topologie du mouvement obscur de l'existence*, apresenta uma conexão entre fenomenologia e psicanálise a partir do que chamou de *movimento da existência*. O fez recorrendo criticamente ao filósofo Jan Patočka. Responde a ele retomando a noção de existência como espaço-temporal. Para isto, utiliza, na verdade reúne, Heidegger e Merleau-Ponty, além de Lacan a partir do nó borromeano, justamente a propósito de sua topologia que esquematiza a existência apoiada numa noção de tempo espacializado.

Como última oferta, André Carone, desta vez, apresenta uma tradução do texto que Freud escreveu por ocasião da morte de Charcot, de suma importância para a pesquisa (do movimento) dos conceitos de Freud.

Por fim, aproveito esta oportunidade para agradecer a todos que colaboraram para a publicação deste livro, com as atividades da linha de pesquisa *Filosofia da Psicanálise* do PPGF da PUCPR, além de desejar ao leitor uma excelente e proveitosa leitura.

Francisco Verardi Bocca
Verão de 2016



ORGANIZADORES

Eduardo Ribeiro da Fonseca

Francisco Verardi Bocca

Rogério Miranda de Almeida

Zeljko Loparic

PLURALISMO NA PSICANÁLISE


PUCPRESS

Curitiba
2016